



VIII CONGRESSO ABRAPESP DE PSICOLOGIA DO ESPORTE

CIÊNCIA, MOVIMENTO E ESPORTE:
CUIDADOS ÉTICOS E RESPONSABILIDADE PROFISSIONAL

19 a 21 de novembro de 2021

www.abrapesp.org.br

ESPORTE E PANDEMIA: LIDANDO COM OS MEDOS COLETIVOS E INDIVIDUAIS.

Esporte, saúde mental e pandemia.

André Gustavo Lopes Vitor

Acadêmico na Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Isadora Barroso Santos

Acadêmica na Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Dr.^a Luciana Oliveira dos Santos

Professora da Universidade Federal de Jataí (UFJ)

Introdução:

Em meio a uma pandemia, as inseguranças e o medo ocupam o imaginário da população, em suas diversas esferas, em especial, na individual e na coletiva. Em situações pandêmicas, estudos anteriores revelam que em média um terço da população costuma ser afetada, gerando consequências psicológicas e psiquiátricas, caso não recebam uma atenção adequada em termos de promoção de saúde mental (Ornell, Schuch, Sordi & Kessler, 2020). Dessa forma, aplicando esses conceitos ao âmbito do esporte, observa-se que grande parte dos atletas olímpicos possuem sintomas, que podem se transformar em distúrbios mentais caso sejam negligenciados, conforme dados analisados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) em 2018 (Reardon, *et al*, 2019). Neste período da pandemia de COVID-19 os sintomas dos atletas olímpicos podem ser intensificados. De acordo com a literatura sobre o tema, no âmbito individual, quadros clínicos como, por exemplo, os medos imaginários – a exemplo dos transtornos de ansiedade e síndrome do pânico – estão ganhando força no decorrer deste último século (Bauman, 2008; Berrios, 1995). Na esfera coletiva, para Delumeau (1989), o sentido de medo ganha uma definição menos rigorosa e mais ampla do que nas experiências individuais, e esse “singular coletivo recobre uma gama de emoções que vai do temor e da apreensão aos mais vivos terrores. O medo é aqui o hábito que se tem, em um grupo humano, de temer tal ou tal ameaça (real ou imaginária)” (Delumeau, 1989, p. 24). Por conseguinte, é necessário

analisar essa questão do medo tanto na esfera individual, quanto na coletiva dentro do contexto esportivo de elite.

Objetivos:

Este trabalho, portanto, tem como objetivo descrever as modalidades de medo diante da pandemia no contexto esportivo a fim de oferecer uma interpretação possível para as modalidades de medo atuais, com referência ao cenário pandêmico. Além disso, relacioná-las às formas de subjetividade contemporâneas.

Delineamento:

Trata-se, portanto, de um estudo teórico, recorte de uma pesquisa mais ampla “O medo em tempos de pandemia do Coronavírus: um estudo sobre suas dimensões psicossociais e formas de enfrentamento no cenário contemporâneo”, em que levantaremos na literatura vigente de maneira crítica e interpretativa, quais os sentidos do medo ligados ao esporte em tempos de pandemia, ancorados em uma abordagem sócio-histórica e do pragmatismo linguístico com base em Costa (1998), Bezerra & Plastino (2001) e Wittgenstein (1996). Ao levantar o material na literatura, foram utilizadas as plataformas CAPES, Google Scholar, PubMed e Scielo. Utilizou-se descritores como “medo”, “esportes”, “atletas”, e “pandemia” e “Covid-19”, bem como as suas variações em inglês e espanhol, com a finalidade de extrair artigos científicos atuais. Um estudo norteador desta pesquisa consiste na publicação intitulada “*O trauma na pandemia do coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*” de Joel Birman (2020), uma vez que são retratadas formas sociais de enfrentamento do medo e há conceitos importantes como o trauma e medo, sob uma perspectiva interdisciplinar à luz da pandemia do Coronavírus.

Resultados:

A partir de uma análise parcial dos resultados, Birman (2020) problematiza a pandemia em sua complexidade, ou seja, além de sua dimensão biológica e psíquica, essa é vivenciada como experiência social, sanitária, econômica, ecológica, política e cultural. No que se refere à ênfase dada sobre o psíquico, Birman (2020) ressalta que o medo da morte é ressaltado nesse contexto pandêmico, abrindo-se a possibilidade dos sujeitos serem acometidos por desdobramentos desse temor, que pode se manifestar por sintomas tais como taquicardia, aceleração do ritmo respiratório, dispneia, sintomas estes decorrentes da angústia sentida a partir do acirramento da sensação de vulnerabilidade e desamparo diante do vírus. Além desses sintomas, muitos sujeitos foram tomados por sintomas hipocondríacos, decorrentes do medo da morte, evidenciando sua preocupação em demasia com o corpo, sensações e percepções denominadas pelo autor de hipocondríacas. Nesse sentido, abre-se a possibilidade de indagarmos que tais sintomas foram observados também no âmbito esportivo, a ponto de termos narrativas de desistência dos jogos por parte de atletas olímpicos por questões relacionadas a sofrimentos psíquicos. Para Freud (1925-6), a angústia é tematizada, como uma reação

subjetiva ao estado de desamparo do sujeito, e o medo aparece como tendo um efeito posterior, o medo enquanto derivado da angústia. O medo não é uma base na constituição do sujeito, não há medo nas origens do sujeito, há o desamparo e a reação afetiva da angústia. O medo tem um papel secundário, posterior e contingente em termos da constituição da subjetividade. A psicanálise nos remete ao fato de que o medo intenso, tanto quanto a sexualidade, a agressividade e a afetividade em geral têm correspondentes no animal, mas quando se considera a sua emergência no homem, um ser de linguagem, inscrito em uma cultura e em uma história, submetido às indeterminações do inconsciente, consideramos uma ideia desses afetos bem mais complexificada (Costa, 1998; Birman, 2020; Bezerra & Plastino, 2001).

Dessa maneira, pretende-se contribuir com o debate sobre a dinâmica envolvida nos aspectos psíquicos ligados ao medo, associando-os à análise da subjetividade no cenário contemporâneo. Vivemos em sociedades de risco, que são compreendidas como sociedades de incertezas, em que a humanidade vem criando problemas para si mesma, de forma que ninguém, nem mesmo a ciência está consciente dos exatos perigos a que a mesma está sujeita (Baert & Silva, 2014). Embora a convivência com os riscos não seja privilégio da sociedade atual, desde sempre a humanidade lutou contra ameaças de guerras, de epidemias de fome e de doenças, por exemplo, hoje o risco alcança proporções inimagináveis, sendo associado à imprevisibilidade e à incerteza (Beck, 1996), o risco é hoje um dos dispositivos estruturantes das sociedades.

A COVID-19, deflagrada ao final de 2019 e declarada oficialmente como pandemia pela OMS em março de 2020, veio exacerbar este cenário de incertezas a que estamos expostos diariamente. Além de constituir em si própria um risco de contágio e morte iminente, a pandemia acarreta paralelamente outros riscos, tais como o desemprego, a fome, a solidão, a perda de entes queridos, a possibilidade de infectar outras pessoas, o risco das sequelas da doença, tais como agravar problemas de saúde crônicos, entre outros (Juárez-Ramírez *et al*, 2021).

Considerações finais:

Nesse sentido, o contexto de pandemia em que mergulhamos no último ano veio desafiar os profissionais em saúde, entre eles, psicólogos, psicanalistas, entre outros, com novos desafios no trabalho que desenvolvem. Ou seja, além de produzir conhecimento relacionado à saúde mental dos atletas profissionais em meio a sentimentos que foram aguçados em razão do período pandêmico, almeja-se incentivar a criação de um ambiente de acolhimento e apoio no mundo dos esportes de alto rendimento.

Há, portanto, uma necessidade de reinvenção das práticas de cuidado. E nesse aspecto, insere-se o papel do acolhimento e da escuta clínica, enquanto instâncias de cuidado, na medida em que se inscreve nesse lugar, de poder dar sustentação simbólica ao que não tem sentido, que se refere, em última instância, ao medo da morte.

Percebe-se, portanto, a necessidade de que, paulatinamente, sejam abertos espaços de fala e escuta desses atletas diante de suas emoções, incluindo o medo. Que o reconhecimento da importância de se dar voz e visibilidade às reações emocionais dos atletas seja cada vez mais presente na discussão sobre humanização das relações no âmbito esportivo, seja ele ligado ou não ao alto rendimento.

Espera-se que novos horizontes sejam traçados e considerados, em especial, a partir das Olimpíadas 2020, para que as emoções relacionadas ao contexto esportivo possam ser acolhidas e consideradas em um contexto de aceitação, e não julgadas maléficas em si, sendo negadas ou reprimidas. Almeja-se que as comissões técnicas, as quais são responsáveis pela preparação dos atletas de elite atentem-se mais especificamente aos cuidados com a saúde mental, por meio da adesão e investimento de profissionais qualificados no seu corpo técnico. Anseia-se, portanto, que este estudo contribua para a reflexão sobre a humanização do esporte, o cuidado com o bem-estar, qualidade de vida, saúde física e mental do atleta, assim como o apoio e acolhimento daqueles que o cercam.

Palavras-chave: Medo; olimpíadas; pandemia; COVID-19

Referências

- Baert, P. & Silva, F. C. da. (2014). *Teoria Social contemporânea*. Lisboa: Mundos Sociais.
- Bauman, Z. (2008). *Medo líquido*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Ed.
- Beck, U. (1986). *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós.
- Berrios, G. (1995). *A History of Clinical Psychiatry: the origin of psychiatric disorders*. New York, NY: New York University Press.
- Bezerra, B. & Plastino, C. (orgs.) (2001). *Corpo, afeto, linguagem: a questão do sentido hoje*. Rio de Janeiro: Contracapa.
- Birman, J. (2020) *O trauma na pandemia do Coronavírus: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Delumeau, J. (1989). *História do Medo no Ocidente: 1300-1800*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S. (1925-6). *Obras Psicológicas Completas Vol. XX*. (Edição Standard Brasileira). Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Juárez-Ramírez, C., Théodore, F. L., Gómez-Dantés, H. (2021) .La vulnerabilidad y el riesgo: reflexiones a propósito de la pandemia del covid-19. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 55, e03777 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/VShRCr5KXYBmkD3BMBQf93z/?lang=es>.

Ornell F., Schuch J. B., Sordi A. O. & Kessler F. H. P. (2020). Pandemic fear and COVID-19: mental health burden and strategies. *Brazilian Journal of Psychiatry*, 42(3), 232-235. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbp/a/WGD9CnJ95C777tcjnkHq4Px/?lang=en>.

Reardon, C. L., Hainline, B., Aron, C. M., Baron, D., Baum, A.L., Brindea, A., ... Engebretsen, L. (2019). Mental Health in elite athletes: International Olympic Committee consensus statement. *British Journal of Sports Medicine*, 53(11), 667-699. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bjsports-2019-100715>.

Wittgenstein, L. (1996). *Os Pensadores*. São Paulo, SP: Nova Cultural.